

Editora Zain

Duas línguas

Laura Cohen Rabelo

zain

© Laura Cohen Rabelo, 2024
Todos os direitos desta edição reservados à Zain.

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor em 2009.

EDITOR RESPONSÁVEL

Matthias Zain

PROJETO DE CAPA E MIOLO

Julio Abreu

ILUSTRAÇÃO DA CAPA

Carolina Moraes Santana

PREPARAÇÃO

Maraíza Labanca

REVISÃO

Marina Munhoz

Juliana Cury | Algo Novo Editorial

Marina Saraíva

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Rabelo, Laura Cohen

Duas línguas / Laura Cohen Rabelo. – 1ª ed. –

Belo Horizonte, MG : Zain, 2024.

ISBN 978-65-85603-09-6

1. Romance brasileiro I. Título.

24-196054

CDD-B869.3

Índice para catálogo sistemático:

1. Romances : Literatura brasileira B869.3

Tábata Alves da Silva – Bibliotecária – CRB-8/9253

Zain

R. São Paulo, 1665, sl. 304 – Lourdes

30170-132 – Belo Horizonte, MG

www.editorazain.com.br

contato@editorazain.com.br

[instagram.com/editorazain](https://www.instagram.com/editorazain)

Sumário

Duas línguas 9

Nota 173

O invisível da lembrança: Notas sobre a leitura de *Duas línguas*,
por Ana Cláudia Romano Ribeiro 175

Duas línguas

Will nature make a man of me yet?
The Smiths, This Charming Man

Em frente à porta vermelha, seu pé direito estava firme um degrau abaixo do pé esquerdo, que já se preparava para descer. O cachecol mal enrolado em volta do pescoço, com as pontas caídas sobre o suéter listrado, deixava o rapaz com a aparência de alguém que não pertencia àquele lugar. Os jeans, os tênis, os cabelos faziam com que ele se parecesse com um jovem qualquer. A mão grande agarrava o corrimão recém-instalado, pintado de um vermelho menos empoeirado que o da porta. A boca queimada de frio. B sorria pouco naquela época; sentia haver um desajuste em seu rosto. Só depois dos quarenta aprenderia a sorrir direito. Por um momento, estranha que Martin não esteja ao seu lado na fotografia, mas ainda não tinham se conhecido. O porta-retrato na verdade fica no escritório, junto de uma dezena de outros porta-retratos com fotos de família e das crianças — o que fazia ali, na pia do banheiro? A mulher está adormecida, atravessada na diagonal na cama branca atrás de B, que levanta os olhos para vê-la, oculta no edredom. Ela é vítima de uma espécie de sonambulismo organizacional, que faz com que objetos da casa acordem em lugares desviados: a chave do carro na geladeira, a pasta de dentes no guarda-roupa, uma laranja no armário de produtos de limpeza, a garrafa de água gelada suando perigosamente sobre uma estante de livros. Não que o apartamento seja bagunçado. Existe o caos óbvio dos filhos crescendo, mas sem dúvida a porta vermelha em Wood Green, da *landlady* Mrs. Tamble (que todos chamavam de Mimi), era mais bagunçada.

Mais empoeirada de poeira inglesa. Outro conceito de higiene, manutenção mínima, um acúmulo de todo tipo de objeto mais ou menos utilitário ou inútil: jogos de chá, bibelôs, fotografias emolduradas, programas de concerto, flâmulas e bandeirolas, quadros, um tabuleiro de xadrez, um vaso com flores secas. A gordura se acumulava com facilidade na superfície dos móveis de madeira. Como Mimi tinha o nome da personagem Mimi de *La Bohème*, B e Arnau cantavam *Che gelida mattina* para ela, fazendo-a rir até soluçar. B sempre detestou a própria voz. Os seus piores momentos como estudante de música eram quando o obrigavam a cantar. Considerava sua voz medíocre, sem expressão, um timbre estranho e vacilante, quase feminino, como se jamais tivesse saído da adolescência. Mas cantava para Mimi. Ser infantilizado pelos jovens é comum, porém não deixa de ser desconfortável. Por mais que não seja um velho, B vê chegarem sintomas desse tipo de tratamento: o carinho cuidadoso de seus alunos, sempre se oferecendo para abrir portas e carregar coisas; ou então aqueles rapazes que o cumprimentam com distanciamento e se encolhem caso B encoste neles, mesmo que por acidente. Uns não disfarçam o nervosismo quando o encontram, a ponto de nem conseguirem afinar o violão direito. B sempre tenta fazer alguma coisa para desembaraçá-los, se afastar da corporificação de uma figura idealizada, mas um excesso de simpatia piora certas situações, causando ainda mais constrangimento. Seus amigos da época da faculdade continuam a chamá-lo no diminutivo, e será assim para sempre, até mesmo depois de sua morte. Na fotografia, o rapaz magricela diante da porta vermelha tem o rosto rosado de frio ou vergonha ou os dois, porque Sandra sacou a câmera sem aviso. Sandra, a desaparecida, uma torção nas costelas. Ele tinha vinte e quatro anos quando chegou à Inglaterra, e provavelmente era essa sua idade quando o retrato foi tirado. Ganhou quase quinze quilos enquanto morava com Mimi, mesmo assim continuou sendo muito magro.

A reclamação de sua mãe durante toda a sua adolescência era de que ele ficava mais alto, mas não engordava. As calças ficavam curtas, as camisas que serviam no comprimento de seu tronco pareciam largas demais, os pés só faziam crescer. Foi apenas a partir dos trinta que sentiu o corpo engrossando. Não era engordar, era *engrossar*, aumentar de largura, como se os ossos tivessem ficado amplos, das plantas dos pés aos dedos das mãos, o pescoço, o queixo, as maçãs do rosto. Agora, os ossos da bacia, protegidos por uma espessa camada de carne, já não despontam nos quadris como antes e B possui até mesmo uma barriguinha — olha-se no espelho —, coisa que jamais achou que teria. As orelhas também aumentaram, assim como o nariz. Recorda o Pinóquio que havia no meio das quinquilharias da sala de Mimi. Ela apreciava muito o boneco comprado na Itália, com sua roupinha verde e vermelha pintada na madeira. Daquela casa em Wood Green, Mimi reservava para si a maior parte do primeiro andar, aonde os rapazes nunca iam, destinando o pavimento de cima aos estudantes. Sempre estudantes de música. Estava clara a preferência de Mimi por eles: a música era sua vida, ela própria foi pianista correpetidora de uma companhia de balé por anos. Depois de viúva, distribuiu seus anúncios de *quartos para estudantes* no quadro de cortiça da academia. Ou eram quadros de feltro verde? B se lembra da cortiça, mas agora isso lhe parece pobre demais para a ênfase da universidade britânica. Sempre que um dos locatários de Mimi ia embora, ela arrumava um novo para morar ali. Um músico trazia outro, que trazia outro, que trazia outro, que trouxe Arnau, que trouxe B. Possuía um quarto só seu. Do outro lado do corredor ficava o quarto de Arnau, hoje também um celebrado violonista, antes seu colega, talvez até sua nêmesis, como dizia Sandra. Mesmo tendo morado em São Paulo, longe da família, sempre dividindo apartamentos com outros estudantes, por alguma razão foi aquele o primeiro quarto onde B se sentiu parte do mundo. Mimi nunca restringia

a liberdade dos rapazes, gostava de saber tudo o que estavam aprontando, seus estudos, seus amores — porém sem ser invasiva. Foi assim enquanto houve harmonia entre B e Arnau, que era mais fechado, fazendo suas tarefas sem deixar rastro, sem obedecer a horários. Arnau tinha um temperamento ruim. Ruim a ponto de ocasionar sua expulsão? Foi mesmo expulso ou apenas partiu? A memória atenuou a violência do ocorrido? Nos primeiros meses, não poderia ter previsto a agressão, afinal Arnau indicara a vaga na casa de Mimi. B era mais da conversa e das pequenas gentilezas com a senhoria. De cabeça branca e mãozinhas consumidas pela artrite, ela era pequena e usava cabelos curtos e óculos quadrados. Havia um piano de parede em sua sala acarpetada, tocado apenas de vez em quando. Não tinham tempo sobrando para farras domésticas — os rapazes estavam sempre correndo. Além das aulas, tudo que a cidade oferecia, os festivais, os concertos. O sono todo fora do lugar. B foi insone a vida inteira e dorme menos a cada aniversário, um fenômeno assustador. Uma vez — justo em uma noite de insônia —, viu um documentário sobre uma doença genética rara em que o indivíduo, a certa altura, não consegue mais dormir, e isso acaba por levá-lo à degeneração cerebral e à morte. Mesmo que antes dormisse melhor e talvez fosse até mais livre, B não gosta da atitude saudosista de alguns homens de sua faixa etária. Dizer *naquele tempo...* não! Por vontade própria, não voltaria a ter nenhuma idade anterior. E era uma impossibilidade retornar para Londres, 1989, um lugar inacessível no espaço justamente por ser um lugar no tempo. Olhando para si na fotografia, o rosto liso, algumas espinhas, parecia mais jovem do que de fato era. Lembra-se daquele período como um tempo de conflitos. Nunca estivera tão perto da ideia original e crua de guerra: de agosto de 1990 até fevereiro de 1991, acompanhou pela tevê e pelos jornais a Guerra do Golfo, sobretudo durante o recesso de fim de ano. Aquele em especial foi um inverno frio e solitário, em que a

maioria dos seus amigos tinha ido para algum lugar: Sandra para a França, Mimi para a casa da irmã, seus colegas de violão para seus países ou para a casa de suas famílias. Sozinho, B deixava a televisão ligada para ter a companhia de uma voz humana. Viu as imagens dos campos de petróleo pegando fogo, os soldados — seus olhos ocultos pelos capacetes enormes —, os aviões de guerra, as explosões, os tanques. Até hoje não gosta de pensar nisso. A guerra na tevê, como se fosse uma novela. Apenas anos depois viria a saber que foi a primeira guerra transmitida ao vivo para o mundo, o teatro de operações exibindo no palco a morte em tempo real. Nessa época, sua mãe sempre ligava e soava preocupada, como se ele corresse algum risco por estar mais próximo do Irã. Hoje isso tudo tem uma sombra de ingenuidade. B tem certeza de que há coisas que só fazem sentido em determinadas épocas da vida: pensamentos de seus vinte anos ocorreriam aos trinta e cinco, aos quarenta e dois, aos cinquenta e um, idade que tem agora. O horror de forçar o tempo para fora do tempo. Mas sua insônia vinha mesmo do medo de perder o momento? De pé no banheiro do quarto de casal, a manhã mal começou e ele quer tomar um banho. Vai relaxar a cabeça, acordar de vez, livrar-se do *jet lag*, ficar pronto para o dia. Não: primeiro tem de passear com a cachorra. Antes, ainda, precisa ver se a esposa deixou alguma lista de compras na geladeira. Ela continua dormindo ao fundo, os cabelos escuros jogados no travesseiro, o rosto escondido. Mimi tinha suas insônias, mas dissera que haviam melhorado depois que passou a usufruir largamente do haxixe que Arnau fornecia em regime semanal, quase toda sexta-feira. Era mesmo haxixe? Arnau e B gostavam de deixar presentinhos na penteadeira de Mimi, e um desses presentinhos era o baseado perfeito, motivo de orgulho para Arnau. Desde sempre a obsessão pelo baseado ideal, uma arte milenar que corria por fora da cultura livresca, transmitida entre as gerações de maconheiros. Em troca, Mimi deixava comida.

Comida demais, mas toda vez os mesmos pratos. A panela elétrica que cozinhava — em baixa temperatura e por horas — brócolis e couve-flor moles demais, porém saborosos; uma espécie de macarrão à bolonhesa; *cottage pie*; fígado acebolado com purê de maçã, ou ervilhas, ou couve-de-bruxelas. B aprendeu com Mimi a fazer rosbife (o favorito oficial de seus filhos) e a assar batatas com casca — uma surpresa que lhe causaram os ingleses, já que sua mãe sempre descascou as batatas antes de fazer qualquer coisa com elas. Só depois dos anos 2000 as batatas com casca se tornariam moda no Brasil, nas hamburguerias, sob o nome de *batatas rústicas*. Olhando para si, B constata que envelheceu tão bem quanto Mimi: poucas rugas e muita disposição. Já está à porta da velhice, aos cinquenta e um anos? Não é mais um menino. Parece jovial o pé nu da esposa que ele avista através do espelho. Por medo de acordá-la, contém o desejo de cobrir com o edredom aquele pé grande, mas de aparência frágil. A mulher voltaria a dormir em segundos, porém quando se levantasse resmungaria que B a despertou no meio de um sonho importante. Caso ele perguntasse o que o porta-retrato estava fazendo no banheiro, ela diria que não mexeu em porta-retrato nenhum, no tom de quem se defende de alguma acusação injusta, sem jamais admitir que bagunçou a lógica da casa. Então o interesse da mulher pela foto seria um mistério para sempre: por que aquela imagem de 1989, fotografada por Sandra, e não outra? A esposa não é muito diferente de Sandra. Uma garota morena, de cabelo curtinho como o da Elis Regina, absolutamente louca por ele. Na época, nem sonhava em conhecer a esposa. Se tivesse convidado Sandra para subir ao segundo andar da casa de Mimi, para sua cama de solteiro que rangia demais, talvez ela começasse a se despir já nas escadas. Por que ele não fez isso? Naquele dia estavam famintos, decididos a sair para comer. Sandra era uns três ou quatro anos mais velha. Quando B chegou em Londres, ela já sabia todo o metrô de cor, entendia

de passagens promocionais para estudantes, tinha ideia de quanto as coisas deveriam e não deveriam custar, compreendia todo o intrincado código de etiqueta inglês e jogava com ele, além de aparentar ser amiga de todas as pessoas da academia, não se limitando ao seu grupinho, o dos flautistas. Sandra estava no último ano do mestrado? Ou já tinha começado o doutorado? Apesar de ser uma garota mirrada, ela tinha a voz espantosamente grave, uma voz que se projetava e era capaz de organizar balbúrdias e causar medo. Cantava bonito. Festeira e um pouco insolente, tudo para ela se tornava mais profundo do que parecia ser. Se a América Latina gritaria em fúria vinte e quatro anos depois, Sandra já estava lendo e falando sobre aborto seguro, racismo, direitos trabalhistas das mulheres, cultura do estupro, homofobia e imigração. Mas até hoje, B percebe, ainda de pé no banheiro, que quando se vê diante de uma injustiça ou de um paradoxo, ouve a voz de Sandra, sempre razoável. Ela não queria que as noites terminassem nunca, parecia não se cansar, numa busca incessante por algo diferente. Assim que B desceu as escadas à porta da casa de Mimi, Sandra falou que a câmera tinha sido um presente de aniversário adiantado de seu pai e que tirava fotos coloridas. Ela se dispôs a registrar todos os colegas, fazer fotos de divulgação, economizando no estúdio e aperfeiçoando o passatempo de fotógrafa. Dentro de um ano, estaria tirando fotos muito boas. Aquela fotografia, inclusive, do porta-retrato na pia do banheiro, era muito boa. Antes, as imagens não saíam assim nos programas de concerto. Agora tudo é tão sofisticado e mais acessível, o papel luxuoso, as impressões excelentes. Qualquer um consegue ter uma foto boa hoje em dia pagando um preço justo, e isso não pode ser ruim, B conclui, olhando mais de perto a fotografia. Procura, em algum lugar da imagem nítida, o rosto de Sandra — talvez estivesse refletida em uma vidraça, ou na poça d'água na calçada, já que acabara de chover. Mas não há vestígios dela. Procura mais um pouco.